

## APRESENTAÇÃO

Mas voltando à linguagem: é ela, em que cabem a verdade, a mentira e o fingimento, o meio transacional do relacionamento entre o filosófico e o poético.

*Benedito Nunes*

A *Palo Seco* completa 15 anos abrigando reflexões que exploram as relações possíveis entre filosofia e literatura, a conversação ou “transa”, no dizer de Benedito Nunes, metaforizando a atração e interpenetração das áreas. E, nesse amálgama, a ideia de fronteira tem se mostrado inapreensível, mas não a dinâmica da transa que mistura corpo e sentidos da linguagem. Nesses anos, os inúmeros artigos publicados, com olhares e abordagens diversas, têm confirmado a potencialidade dessa transa. E é também o que se verifica nesta edição da revista, que agora passa a ser semestral.

Abre este número, o artigo de **Vladimir de Oliva Mota** intitulado “A antinomia do gosto em Madame de Lambert” que, além de apresentar as reflexões da filósofa sobre o gosto, contextualiza sua produção que está muito além da mera promoção dos salões. Nesse sentido, descortina o fato de que as vozes femininas nem sempre são caladas, mas ocultadas dada a primazia da produção masculina. Outro tema, a função expressiva da literatura em George Bataille, é abordado por **Robson Araujo** em “O mal da literatura: a crítica da forma e da significação em Geoge Bataille”, concluindo que a literatura põe a nu a experiência de angústia do autor.

O artigo “Surrealismo: filosofia de vida e processo de escritura” de **Rafael Eduardo Franco** irá expandir o conceito do Surrealismo de André Breton para além da dimensão literária. Seus autores defendem o Surrealismo de Breton como uma filosofia de vida, pelo acento colocado no estético em sua relação com o ético e o político. Não seria tão somente uma mera expansão do literário, criando uma estética surrealista, mas também sua expansão nas esferas sociais, culturais, morais e políticas. Em um estilo que transita entre o ensaio e o artigo acadêmico, “A escrita filosófico-literária: atenção e silêncio”, de **Barbara Romeika Rodrigues Marques**, busca explorar a fronteira filosofia-literatura na e pela linguagem, atentando especialmente para o valor de silêncio que a realização artística oferece às possibilidades de expressão.

Podemos dizer que nesses primeiros artigos o literário é discutido pelo viés filosófico e os demais artigos, na via inversa, abordam o filosófico no literário. É o que se percebe em “O devir em Julio Cortázar: ressurgências da animalidade na literatura contemporânea” em que **Hiandro Bastos** e **Lauro Roberto do Carmo Figueira** discutem, através do conto “Carta a uma senhorita em Paris”, a maneira como a literatura singulariza alguns conceitos-chave presentes em textos de domínio filosófico; mais precisamente, os autores desse artigo discorrem sobre o conceito de “devir” de Deleuze e Gattari que seria, grosso modo, uma transformação desencadeada por um contato-encontro de diferentes-exterior, que é por excelência o humano face ao inumano (geralmente um animal). Os autores discutem esse conceito em sua expressão literária, no conto em questão, como também assinalam sua importância como elemento propulsor no universo feérico de Cortázar – universo feito de “limbo de sombra de consciência” em direção à criação literária.

Já **Suzy Meire Faustino** em seu “Entre conceito e símbolo: os poderes espiritual e temporal em Henry Thoreau” põe em evidência aspectos filosóficos nas obras *A desobediência civil* e *Walden* de Henry Thoreau, mais conhecido pela crítica sócio-política que denuncia a democracia que desvirtua, o trabalho que torna o homem escravo e meio, e cujo efeito seria o apequenamento do humano preocupado apenas com o contingente, o mutável e o superficial. A autora resgata essa crítica que aparece como contraponto aos elementos simbólicos nas obras estudadas, que são explorados enquanto verticalidade, apoiando-se nos conceitos escolásticos de poder temporal e espiritual. Os aspectos simbólicos vinculados a uma atmosfera pastoral revelariam “um poder mais elevado e independente” do indivíduo que seria solapado pela democracia.

As imagens e paisagens geopoéticas nas representações das travessias geográficas do sertanejo é o foco da reflexão desenvolvida no artigo “Vidas secas: travessias geopoéticas no sertão”, de **Claudio Novaes**, que analisa, na perspectiva da geopoética, personagens das narrativas de *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, e *Vidas secas* (1963), no cinema, de Nelson Pereira dos Santos.

Em “O escudo de Dioniso: sobre a relação metafórica entre vinho e guerra na poesia grega”, **Julia Guerreiro de Castro Zilio Novaes** apresenta uma proposição de investigação de uma passagem da *Poética* referente à relação metafórica estabelecida por Aristóteles sobre a taça estar para Dionísio assim como o escudo estar para Ares. A autora faz constar duas possibilidades interpretativas da relação metáfora; uma efetuada na associação desses objetos e seus Deuses e outra na verdade material, assentada propriamente nos formatos dos objetos do escudo e da taça. Seu intuito está em evidenciar a contraposição metafórica-analógica da fala aristotélica para além das dessas duas interpretações. De acordo com a autora, trata-se na contraposição metafórico-analógica de

“formulações que cristalizam um rico imaginário pregresso, um verdadeiro *topos*, imagem recorrente na poesia grega”. Esse imaginário já antigo de Dionísio e Ares, e escudo e taça associados respectivamente à guerra e à paz, ela verificará nas manifestações poéticas, tais como a elegia arcaica metasimpótica e no drama ático. Em ambas as manifestações poéticas, o vinho se faz presente e associado à ausência da guerra.

Em “Kairós – o tempo na poesia de Orides Fontela”, **Alan Alves** discute os processos da construção estética da poeta paulista a partir da exploração de modos pelos quais o tempo, atravessado pela ideia de *kairós*, nas suas dimensões míticas gregas e cristãs, opera como elemento constitutivo da sua produção poética.

Na seção de traduções, o primeiro trabalho, de **André Felipe Gonçalves Correia**, verte para o português o texto “Ein Satz aus der höheren Kritik”, de Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist, romancista, dramaturgo, poeta e contista alemão na virada do XVIII para o XIX. Trata-se de um dos textos de reflexão estética de Kleist, mais conhecido, conforme pontua o tradutor, pela sua produção literária.

O segundo trabalho apresentado nesta edição, de **Deolinda de Jesus Freire**, traz a tradução de textos preambulares da *Brevísima relación de la destrucción de las Indias*, de autoria do frei Bartolomé de las Casas. A obra completa, que os preâmbulos aqui apresentados integram, versa sobre a destruição dos reinos do Novo Mundo, e foi publicada pela primeira vez em 1552, em Sevilha, na Espanha.

Jacqueline Ramos  
Luiz Rosalvo Costa  
Maria A. A. de Macedo